

Uma proposta de intervenção a partir da leitura do livro-imagem *Ida e Volta*: atividades lúdicas, jogos e produção da autoria

Cintia Bicudo¹

Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo²

Resumo:

Este artigo tem por objetivo discutir, a partir de uma proposta de intervenção em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, de que maneira a Análise de discurso materialista pode fomentar atividades lúdicas em meio à leitura do livro-imagem. Partindo da premissa na qual o livro-imagem por ser objeto artístico é um exemplar do discurso lúdico, estando aberto à polissemia, são apresentados e discutidos exemplos de atividades lúdicas propostas em meio a oficinas de leitura do livro-imagem *Ida e volta* (Juarez Machado). As atividades lúdicas atestam justamente as possibilidades de trabalhar a abertura dos sentidos e os gestos de leitura singulares das crianças que ancoram sua interpretação na memória discursiva e em suas histórias de leitura.

Palavras-chave: Leitura; Ensino fundamental; Livro-imagem; Jogos pedagógicos.

An intervention proposal based on reading the picture book *Ida e Volta*: ludic activities, games and authorship production

Abstract:

This article aims to discuss, based on a proposed intervention in a 4th-grade class of elementary school, how materialist discourse analysis can foster playful activities during the reading of picture books. Starting from the premise that the picture book, being an artistic object, is an example of playful discourse, open to polysemy, examples of playful activities proposed during workshops on reading the picture book **Ida e volta** (Juarez Machado) are presented and discussed. These playful activities demonstrate the possibilities of working with the opening of meanings and the unique reading gestures of children who anchor their interpretation in discursive memory and their reading histories.

Keywords: Reading; Elementary School; Picture book; education games.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá, Brasil.
Professora na Prefeitura Municipal de Maringá e de Mandaguaiçu

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2009).

Professora na Universidade Estadual de Maringá no curso de Letras. Docente no Profletras (unidade associada UEM).

1. Introdução

O desafio de propor oficinas com livro-imagem nasceu justamente a partir do trabalho com o 4º ano do Ensino Fundamental. Demandados pelo desejo de um enfoque em atividades lúdicas e baseadas, justamente, por conta desse público, em jogos pedagógicos, busca-se construir oficinas nas quais o livro-imagem não fosse somente lido, mas constituísse um espaço de jogo e ludicidade com vistas a propiciar a efetivação da autoria em tais práticas. Não se pretende apresentar um conjunto de “soluções” ou de “estratégias” a serem implementadas em sala de aula, mas sim mobilizar um outro olhar sobre a língua(gem) na sua relação com as condições de produção de leitura em sala de aula.

Destaca-se que este percurso de implementar uma proposta de leitura do livro-imagem a partir de atividades lúdicas inscreve-se na perspectiva da Análise de Discurso de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. O propósito, neste caso, é compreender o modo como, pela memória discursiva e por meio de suas histórias de leitura, o sujeito-criança significa, com base no lúdico, o livro-imagem, trazendo outras possibilidades de produzir sentidos na tensão paráfrase e polissemia.

Com efeito, o livro-imagem, material selecionado para as oficinas, coloca em cena esse caráter do jogo, da brincadeira na construção das cenas visuais. Em virtude da filiação à Análise de discurso materialista, são as noções de leitura discursiva e discurso lúdico que nosso material demanda em termos de mobilização de conceitos. Para este trabalho, selecionamos o livro *Ida e Volta*, publicado em 1976, da autoria de Juarez Machado.

2. Fundamentação teórica

Tomando por base que a Análise de discurso, enquanto dispositivo teórico e analítico, constrói-se no entremeio com os campos que a constituem, a leitura discursiva consequentemente sofre efeitos das concepções que a Análise de discurso desloca, revê, a saber: a língua para Pêcheux (1988) não é mais um sistema de signos, nem um objeto transparente que produziria um único sentido mas sim vista pela exterioridade; o materialismo histórico nos traz a premissa de que os homens fazem a história que lhes é possível; o atravessamento da Psicanálise descentra o sujeito todo poderoso, fonte intencional de um dizer.

De fato, é preciso considerar que a noção de língua para Pêcheux (1988) não é tomá-la como um sistema de signos ou ainda como um objeto transparente “controlado” por um sujeito intencional. Com efeito, é necessário investir em uma concepção de língua enquanto produção social, considerando a exterioridade como constitutiva e um sujeito que enuncia em sua

individualidade, mas que se inscreve seu dizer em uma formação discursiva ou outra para significar.

Levar às consequências a exterioridade não como elemento meramente contextual, mas sim constitutivo da produção dos sentidos demanda justamente contemplar as condições de produção em que um discurso é produzido. Em se tratando da definição de discurso proposta por Pêcheux (1997, p. 77), o discurso “[...] é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas [...]”. Nas palavras de Hashiguti (2009, p. 19), se os textos mudam de sentido com as condições de produção, a leitura pensada em relação à literalidade, a uma possível transparência da linguagem, é uma ilusão: a leitura é uma prática que pressupõe a história e o trabalho de memória do sujeito.

A fim de produzir um gesto analítico do livro-imagem, nesta seção teórica, o objetivo é dar visibilidade aos pressupostos teóricos que ensejaram a elaboração de nossa proposta de leitura do livro-imagem. Nesse caso, um conceito que foi sendo demandado no material é o de leitura discursiva no/pelo lúdico. Não se trata de pensar a leitura como conjunto de estratégias ou como um processo de descoberta dos sentidos- como se o texto detivesse uma dada verdade a ser capturada pelo sujeito-leitor. Na perspectiva discursiva, a leitura é tomada como produção dos sentidos a partir da inscrição do sujeito em dada formação discursiva (FD).

O conceito de formação discursiva preconiza que o sentido não está preso às palavras, mas precisa ser tomado a partir das posições em jogo em uma dada conjuntura. Em termos de definição, a formação discursiva se coloca como “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura” (PÊCHEUX, 1988, p. 160-161). Assim, “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Considera-se que a leitura discursiva do livro-imagem demanda um sujeito que se posiciona frente ao objeto lido, inscrevendo-se em uma dada formação discursiva- rede de sentidos. E, nesse movimento, o sujeito-leitor ancora sua interpretação em uma dada memória do dizer. Nesse caso, toma-se a memória como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização” (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Se, por um lado, a memória é marcada pela retomada do já-dito, por outro, a memória, pelo próprio movimento da repetição, também “desloca, produz o que chamamos efeitos metafóricos, transferências, derivas, deslizamentos de sentidos” (ORLANDI, 2017, p. 172). Nesse caso, o sujeito, na prática de leitura do livro-imagem, pode produzir tanto a retomada quanto o deslizamento dos sentidos. Se o livro-imagem, por ser um objeto artístico, é representante do discurso lúdico, em que outros sentidos podem ser reclamados.

Nas palavras de Orlandi (1993, p. 69), “todo leitor tem sua história de leituras. Nesse caso, esse conjunto de leituras feitas por um leitor específico é um aspecto relevante que configura a sua

compreensibilidade (capacidade de compreender). Desse modo, em uma visada discursiva, é preciso contemplar essas histórias de leitura que entram em jogo nos gestos de leitura da obra.

Segundo a tipologia proposta por Orlandi (1983), os discursos podem ser classificados em autoritário, polêmico e lúdico, a partir de seus funcionamentos discursivos.

Grosso modo, em sintonia com Orlandi (1983, p. 29), no discurso autoritário, há uma contenção da polissemia, sendo um discurso que tende à paráfrase (repetição do mesmo) e em que a polissemia é contida (procura-se impor um só sentido) e em que o objeto do discurso (seu referente) fica dominado pelo próprio dizer (o objeto praticamente desaparece). Vale destacar que o discurso autoritário é o mais predominante em sala de aula.

O discurso polêmico, em sintonia com Orlandi (1983,), apresenta um equilíbrio tenso entre polissemia e paráfrase, em que a reversibilidade se dá sob condições, é disputada pelos interlocutores, havendo assim a possibilidade de mais de um sentido: a polissemia é controlada. O discurso lúdico, é aquele que tende para a total polissemia, em que a reversibilidade é total e em que o objeto do discurso se mantém como tal no discurso, a polissemia é aberta

Estamos considerando que o livro-imagem por seu aspecto artístico e por instituir um jogo/brincadeira, pode ser tomado como exemplar do discurso lúdico. Isso se dá pelos seguintes motivos.

Primeiro, as cenas visuais jogam justamente com o discurso lúdico na medida em que em *Ida e Volta* a personagem principal não aparece nas cenas, mas somente as marcas de seus sapatos ou pés. Essa personagem misteriosa movimenta-se por diversos espaços e há sempre um efeito de confusão e brincadeira: leva um tombo quando está em uma bicicleta, quebra a janela com um chute de bola, suja-se de tinta. Nesse caso, o lúdico pode ser tomado no que diz respeito ao mundo infantil das brincadeiras, das traquinagens, do faz-de-conta.

Segundo, em termos de efeitos de sentidos da narrativa visual, em *Ida e Volta*, temos a ausência de uma formulação visual para o personagem principal de modo que são apresentados nas cenas visuais apenas os rastros (pegadas de sapatos ou pés), a sua casa, as roupas no armário. Desse modo, a personagem principal abre-se para diversas possibilidades de sentidos- pode ser um adulto que se envolveu em traquinagens, pode ser mesmo um adolescente justamente pelos elementos visuais que aparecem tais como fantasias ou um tênis juvenil ou ainda a personagem ser um ser invisível.

Terceiro, o livro-imagem trabalhado tende a uma abertura à polissemia. Com efeito, as cenas visuais da obra são construídas a partir de espaços vazios, o que permite ao sujeito-leitor criança produzir gestos de leitura singulares justamente nessas lacunas.

Além da dimensão do discurso lúdico como aberto a gestos de leituras singulares dos alunos, também, foi relevante considerar a Análise de discurso como um campo que problematiza a leitura

tomada como tomada de posição frente ao texto lido, a partir da inscrição do sujeito em uma dada formação discursiva.

Para a Análise de Discurso, sujeito e sentido são constituídos ao mesmo tempo, na medida em que ao significar, o sujeito se significa (Orlandi, 1999). Desse modo, o trabalho interpretativo se dá junto ao da leitura, em um tenso processo que se produz entre a paráfrase- a retomada do já-dito- e a polissemia- a emergência do novo, a ruptura, o deslizamento dos sentidos. Desse modo, busca-se, na proposta dos jogos, não fechar ou conter os sentidos.

A imagem por seu caráter opaco vai justamente instaurar uma abertura que, a nosso ver, poderia estar atrelada a práticas lúdicas - tomadas como espaços de gestos de leituras singulares nas quais os sujeitos-alunos podem produzir (re)leituras que apontem tanto para a paráfrase- retomada de um sentido- quanto para a polissemia- produção do novo. Dessa forma, o sujeito-aluno pode produzir uma leitura que não seja aquela esperada pelo professor ou imposta pelo livro didático.

3. Metodologia: da análise prévia da obra à proposta de oficinas

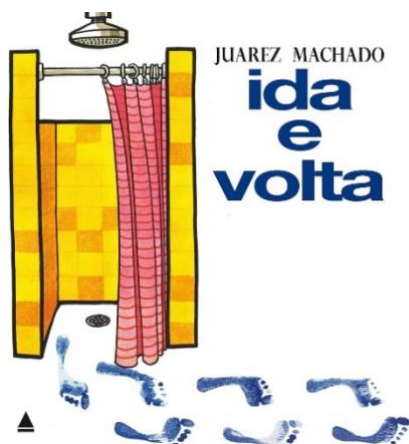
As oficinas que serão apresentadas nesta seção dizem respeito a um trabalho de implementação de um projeto de leitura discursiva do livro-imagem para o Ensino Fundamental por nós desenvolvido no ano de 2023. O projeto foi submetido ao Comitê de ética da Universidade e foi aprovado. O parecer de aprovação do projeto é CEP- 6.187.289.

Em um primeiro momento, foi relevante, a partir de uma análise prévia à leitura da obra *Ida e Volta* (Juarez Machado), considerar possibilidades de propostas de jogos/brincadeiras em sala de aula. Este primeiro momento foi fundamental para que contemplássemos regularidades na obra que pudessem ser exploradas nas práticas lúdicas a serem propostas. Foi relevante destacar o papel das análises prévias à leitura como prática que permite ao professor tanto o levantamento das condições de produção do texto quanto a formulação de questões de leitura consequentes com os efeitos de sentidos produzidos (Di Raimo; Luteski, 2022).

Em meio à análise prévia à leitura da obra, levantamos os sentidos em funcionamento em meio à composição das cenas visuais.

Com base no fio narrativo de *Ida e Volta*, o movimento da personagem inicia-se desde a capa seguindo até a contracapa, conforme as figuras que seguem abaixo:

Figura 1 - Capa do livro



Fonte: Machado (2001).

Figura 2 - Contracapa do livro

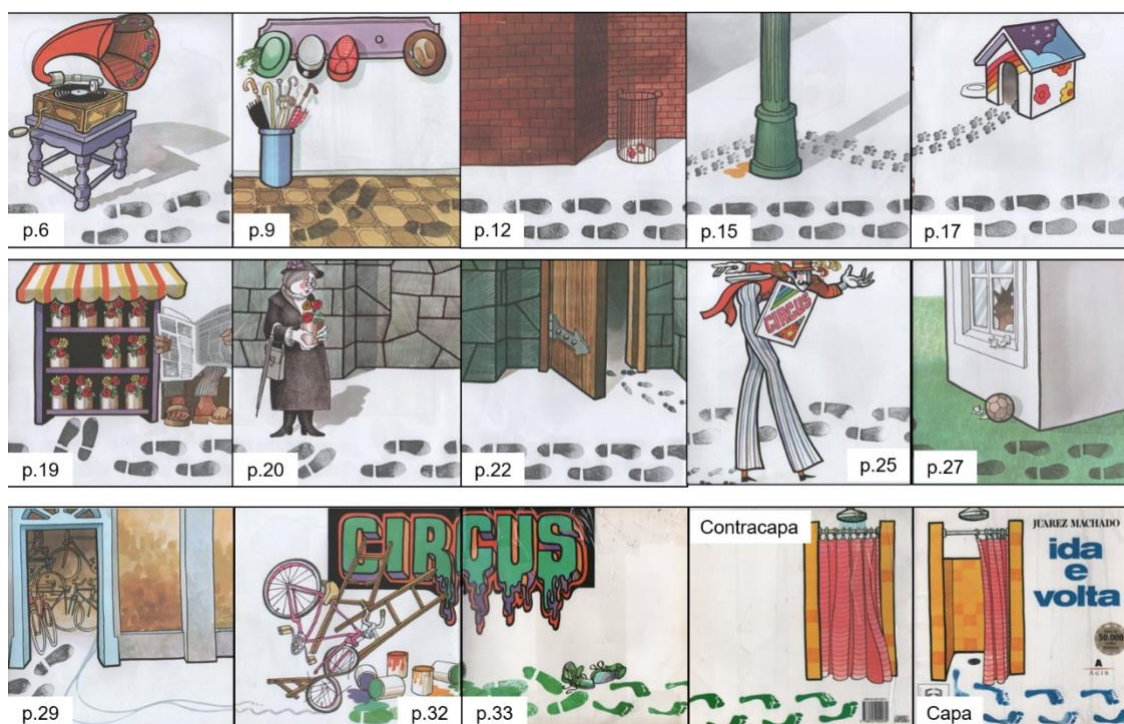


Fonte: Machado (2001).

Nesse primeiro olhar, o sujeito-leitor criança depara-se, tendo em vista a capa da obra, com a formulação visual de um banheiro no qual a cortina em cor rosa está parcialmente aberta, dando visibilidade ao chuveiro, ralo, paredes azulejadas em tom amarelo e laranja. São cores fortes e vibrantes que contrastam com o branco do piso. Além desse jogo de cores, o que saltam aos olhos são as pegadas de um pé descalço e molhado, em tom azul, que remetem ao personagem da obra que sugere ao leitor “alguém” que saiu do banho. As pegadas têm o mesmo tom de azul royal das letras que compõem o título da obra e o nome do autor. Já considerando a contracapa, o que temos novamente é a formulação visual do banheiro que aparece, neste momento, com as cortinas fechadas e o chuveiro ligado. As pegadas em tom verde sugerem que a personagem, em virtude dos pés sujos de tintas, está justamente tomando banho.

Ao longo do livro-imagem, o sujeito-leitor vai seguindo as pegadas desse personagem “misterioso” que o encaminha para vários espaços: o quarto da personagem, a sala em que a personagem dança ao som de um disco tocado em uma vitrola, seu passeio pela cidade, uma brincadeira com a bola que resulta em uma janela quebrada, seu acidente com uma bicicleta em que ele se suja de tinta verde.

Figura 3 - Recortes de cenas visuais da obra



Fonte: Machado (2001, p. 3).

O caráter lúdico constitutivo da obra *Ida e volta* convoca sentidos que se ligam ao universo infantil das brincadeiras – tombos, quedas e sujar-se, práticas comuns na infância que mobilizam o sujeito-leitor criança em um processo de (re)conhecimento e possível identificação com as aventuras desse personagem. Nesse caso, o processo de nomear a obra- *Ida e Volta*- está atrelado ao próprio movimento que constitui a composição das cenas: são idas e vindas da personagem. Destarte, as imagens da capa e contracapa são essenciais à produção de sentidos de *Ida e Volta*. Um efeito de movimento do livro-imagem que se sustenta justamente na própria materialidade do livro – capa, miolo e contracapa – conjugam começo, meio e fim da narrativa.

Assim sendo, destaca-se que o funcionamento discursivo do livro-imagem é marcado pelo lúdico – justamente quando o sujeito-leitor precisa seguir essas pistas e marcas deixadas ao longo da narrativa e dar sentido aos movimentos de ir e vir da personagem. Tal funcionamento do livro-imagem está marcado nas cores, nas marcas/pistas e no jogo entre o revelar/esconder-se.

Em se tratando do livro-imagem *Ida e Volta* (Juarez Machado), nas oficinas de leitura trabalhadas, o livro-imagem implicou justamente um processo de leitura marcado pela abertura à polissemia em que não fechamos a leitura em um sentido unívoco. Considerando esse caráter opaco da imagem, foi proposto um jogo de perguntar a partir da técnica da brincadeira “batata-quente”: Quem seria o personagem da história. Toma-se como ponto de entrada as formulações visuais relacionadas às pistas que o autor vai mostrando e escondendo do leitor – justamente

estabelecendo um jogo. Em termos de cena visual, o sujeito-leitor depara-se com a ausência de uma formulação visual para a personagem principal, mas encontra pistas concernentes a suas roupas e sapatos no guarda-roupa, bem como segue seus trajetos pela cidade, podendo contemplar sua travessura de quebrar uma janela, cair da bicicleta e se sujar de tinta verde.

Seguem abaixo algumas respostas dos alunos:

- 1) A personagem não aparece, pois está na página seguinte;
- 2) A personagem não aparece, pois é invisível, é um fantasma;
- 3) A personagem não aparece, pois as cenas das pegadas no livro são registros de ações passadas, rastros que a personagem deixou, mas ele não está mais nos locais. Seria um adulto “brincalhão”.
- 4) A personagem não aparece, mas é um adolescente, porque ele se envolve em várias brincadeiras.

O discurso lúdico, de fato, permitiu que novos sentidos fossem reclamados, isto é, possibilitou a emergência de diferentes gestos de leitura. Nesse caso, vale citar Fernandes (2018, p. 24) para quem é válido “transformar o discurso pedagógico autoritário em predominantemente lúdico ou polêmico. Para a autora, o primeiro passo é oferecer atividades que promovam a autoria em sala de aula, isto é, a produção de gestos de interpretação singulares que possibilitem a escuta de diferentes vozes produtoras de derivas de sentidos, a fim de incitar a discussão e o pensamento crítico e reflexivo. De fato, foi muito produtivo, nas atividades propostas, insistir em “criar reais espaços interpretativos nos quais os alunos se inscrevam no interdiscurso, criando sítios de significância e, portanto, historicizando seus sentidos e colocando-se ativo no funcionamento da linguagem” (PFEIFFER, 2003, p. 103).

Outrossim, por meio de uma atividade lúdica ligada à prática do desenho, os sujeitos-alunos foram solicitados a ilustrar como seria, em uma tomada de posição frente ao livro-imagem, tal personagem “misterioso” da obra *Ida e volta*. Na medida em que a imagem permite diferentes leituras, os sujeitos-alunos puderam trazer/tecer uma pluralidade de gestos de interpretação entendidos como filiação a redes de sentidos. Por questões éticas, os nomes dos alunos que seguem arrolados são fictícios.

Figura 4 - Personagem representado como adolescente



Figura 5 - Personagem representado como adulto



Fonte: desenho realizado pela aluna Ana.

Figura 6 - Personagem representado como sujeito indefinido – sem traços no rosto – representação fantasmagórica



Fonte: desenho realizado pelo aluno Ítalo

Compreende-se que o sujeito-leitor criança, em meio ao lúdico proposto pelo livro e também pelas atividades sugeridas nas oficinas, afeta os sentidos no/do livro *Ida e Volta* e é afetado por eles, na medida em que, ao significar pelo/no desenho e brincadeira, se significa. Os gestos de leitura do livro-imagem estão sendo tomados, aqui, não em uma perspectiva individual, mas, sim, enquanto tomada de posição, a partir da qual se inscrevem o político, o ideológico e o histórico. Em sintonia com Pêcheux (2006, p. 57), concebemos a leitura enquanto “atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados”.

Os gestos de leitura do sujeito-leitor criança apontam justamente para a opacidade da imagem e possibilidades de gestos de autoria. Dito de outro modo, o sujeito-criança está se filiando a redes de sentidos na/pela leitura do livro-imagem. Assim, o personagem principal da obra pode ser

um adolescente, um adulto ou um fantasma. Esse processo, designado por Pêcheux (1995) como interpelação, efetiva-se “pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina

(isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora de unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que elementos do interdiscurso [...] são re-inscritos no discurso do próprio sujeito” (Pêcheux, 1995, p. 163). Nesse caso, o sujeito-criança ancora sua leitura em uma memória discursiva de que adolescentes, em outras épocas ou a depender do contexto, podem usar roupas/trajes formais e manterem atividades lúdicas ou ainda a memória de adultos que sentem saudades dos tempos de infância e podem ser brincalhões.

Além da atividade de desenhar o personagem principal, foi solicitada aos alunos a construção de uma narrativa visual com alguns elementos da realidade escolar. Para tanto, foi proposta uma atividade lúdica de jogar um dado para a realização de um sorteio dos elementos que entrariam na narrativa.

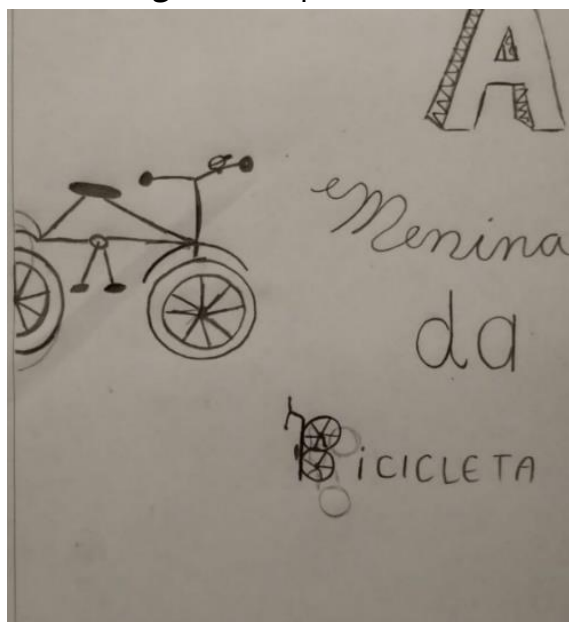
Para tanto, o jogo consistiu em construir um dado específico a partir de cada elemento da narrativa: personagens, tempo, espaço, meio de locomoção. objeto em destaque, personagens. Em relação ao elemento tempo, foi construído um dado com os dias da semana; em relação ao elemento espaço da narrativa, elaboramos um dado contendo locais/contextos conhecidos das crianças (escola, lagoão, mercado, parquinho, casa, Parque do Ingá); a fim de garantir esse efeito de movimento – ida e volta, foi sugerido um dado com meios de locomoção (bicicleta, circular, carro, moto, skate, avião); em relação a um objeto em destaque na narrativa foi construído um dado com elementos do universo das crianças como bola, boneca, bicicleta, pipa, cartinha de jogo, celular; pensando no elemento da narrativa personagem, sugerimos com outro dado possibilidades de nomes (a Maria, Rose, o Madruga, a professoras Rafa e Sandra, a supervisora Deise) também ligados ao universo escolar.

Nesse caso, a proposta foi de convidar alguns alunos para realizarem o sorteio, a partir do jogo dos dados. Assim sendo, foram sorteados os elementos, a saber: Rose (como personagem, a servente da escola), quinta-feira (tempo), bicicleta (meio), mercado (lugar), objeto da narrativa (celular).

A narrativa produzida coletivamente resumia-se ao seguinte enredo: Rose, a funcionária da escola, foi ao mercado comprar um celular novo, mas acabou sofrendo um acidente, caindo da bicicleta e, conseqüentemente, tem seu celular (o que acabara de adquirir) quebrado.

Neste momento, o foco da análise recairá em uma capa produzida para o livro-imagem coletivo. Sob o título “A menina da bicicleta”, a capa abaixo produz um efeito de apresentar ao leitor, por meio de recursos gráficos, a narrativa da funcionária da escola que se acidentou com uma bicicleta e teve seu celular quebrado.

Figura 7 – Capa do livro 1



Fonte: Ilustração realizada pela aluna Fabiana

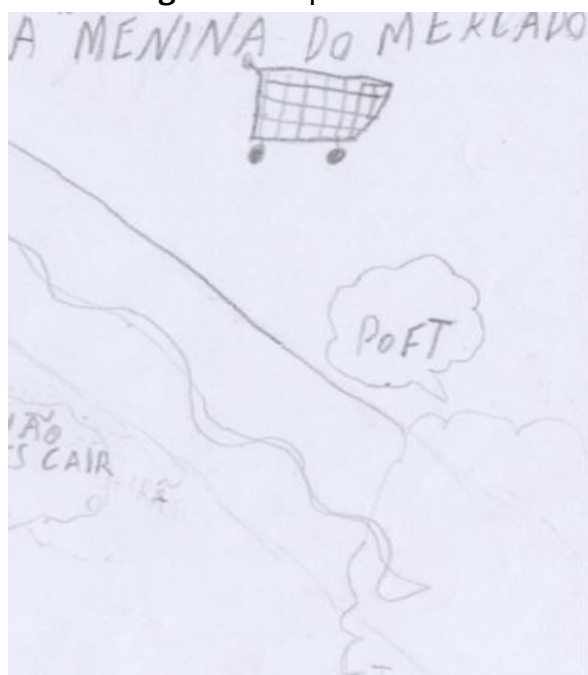
Nota-se que o gesto do sujeito-aluno, ao textualizar a capa deste livro-imagem produzido coletivamente, traz a bicicleta como elemento de destaque. Nota-se que, embora a narrativa discursivize sobre um acidente, há, ainda, um efeito lúdico produzido com a palavra “menina” que está grafada de modo inclinado, representando uma “queda”, bem como, no lugar da letra B que compõe a palavra bicicleta, há uma ilustração estilizada desse grafema na forma de uma bicicleta (veículo que teria provocado a queda da personagem). Assim sendo, na produção da capa do livro-imagem, o sujeito-aluno se marca como autor, ao operar com recursos gráficos e visuais de modo lúdico, justamente estabelecendo uma relação consequente entre o veículo e a queda.

Apoiados em Pfeiffer (2000), reforça-se que a escola deve oferecer condições para que o sujeito-leitor se posicione na função da autoria, o que implica nos colocar na escuta desses gestos de leitura. Pfeiffer (2000, p. 20) afirma que “[...] ouvir sentidos é atribuir autoria ao sujeito, atribuir autoria é abrir espaço de interpretação. A autoria deve ser construída e não simulada”.

Em termos de gesto de autoria, nesta capa sob análise, o sujeito-criança relaciona o acidente da bicicleta que pode remeter a um evento lamentável, triste ou mesmo trágico a um efeito-brincadeira. Sentidos ligados à memória da infância dos tombos e quedas reverberam na produção da capa de modo que o tom lúdico fica mais destacado que o prejuízo material ligado ao dano causado ao celular

No exemplo de capa do livro-imagem que segue abaixo sob o título “A menina do mercado”, a formulação visual está associada à representação do acidente com um carrinho de supermercado que aparece na capa produzida. Vale destacar o jogo de ausência/presença da bicicleta que pela onomatopeia “Poft” e traços/pistas deixados - um trajeto das marcas do pneu da bicicleta que estaria desgovernada - sugere uma queda/acidente. Compreende-se que há, na produção desta capa do livro-imagem coletivo, um efeito de abertura dos sentidos- cabendo ao sujeito- leitor construir como seria a cena da queda. Nota-se que o sujeito-aluno “brinca” com o acontecimento, imprimindo uma leveza ao fato: produz-se um efeito lúdico na representação imagética do acidente, seja pela disposição caótica dos elementos- carrinho de supermercado, os sinais do pneu da bicicleta, seja pela representação da queda- que remonta às Histórias em quadrinhos.

Figura 8 – Capa do livro 2



Fonte: desenho realizado pelo aluno Raul

O gesto de autoria do sujeito-aluno está em uma ancoragem nas suas histórias de leituras que remetem aos gibis e histórias em quadrinhos e uma representação gráfica já vista de tombos e acidentes em narrativas visuais. O efeito-confusão é retomado e atualizado na produção dessa capa, de modo que o sujeito-criança representa o seu cotidiano e entorno- o mercado do bairro e a rua.

O discurso lúdico não está sendo tomado somente do ponto de vista do jogo, mas também como abertura à polissemia. Nas práticas de leitura da obra *Ida e volta*, o sujeito-leitor criança inscreveu-se nesse movimento de seguir as pegadas, ir e vir com a personagem misteriosa e de dar

escuta aos sentidos em opacidade. Ademais, nas atividades de produção das capas do livro-imagem coletivo, o jogo/ludicidade se deu a partir tanto da brincadeira dos dados/sorteio quanto de um movimento de deslocar os sentidos: ao espacializar a autoria no desenho, em meio à elaboração da capa do livro-imagem coletivo, os sujeitos produziram gestos de leitura singulares.

4. Considerações finais:

Nesta proposta de abordagem do livro-imagem *Ida e Volta* (Juarez Machado), buscamos dar consequências ao papel da leitura discursiva tal como observa Fernandes (2013, p. 148) “estamos nos afastando da ideia de que a imagem transmite uma mensagem, como se fosse um código, mas que é, assim como a língua, opaca e possibilita diversas leituras”.

Ao formular e implementar atividades em torno do livro-imagem, é relevante não só destacar a escolha do texto (do gênero) tomado como atraente, mas, a partir da ancoragem na Análise de discurso, é necessário ratificar que a proposta discursiva não busca desvendar o sentido (tomado como unívoco/colado no texto) do texto, mas compreender por que a materialidade em análise faz sentido de uma determinada maneira. Desse modo, o movimento de pensar a leitura, discursivamente, demandou que fossem deslocadas ilusões ligadas a uma leitura inequívoca, atrelada à literalidade do sentido. Assim, este trabalho de movimentar a Análise de Discurso em uma prática de leitura/escrita com o livro-imagem nos possibilitou tanto explorar materialidades diversas em seus efeitos de sentidos (cores, textura, efeitos gráficos, onomatopeias) quanto compreender como a Análise de Discurso pode abrir espaços para que o professor (re)pense a linguagem, os sentidos.

Levando às consequências o equívoco como constitutivo da língua, é válido considerar que o sentido pode ser outro, ou seja, a linguagem é passível de desvio, de deslocamentos. Desse modo, o trabalho com o livro-imagem sustentado pelos princípios da Análise de discurso, levou em conta os gestos de leitura singulares dos sujeitos-alunos quando confrontamos com a leitura do livro. O personagem invisível assumiu diferentes formas, como também a capa do livro coletivo foi formulada a partir de diferentes gestos de autoria no desenho.

Reitera-se que abertura à polissemia (dos sentidos que não se fecham) e a filiação dos sujeitos-leitores a diferentes redes de sentidos possibilitam que a atividade lúdica seja estruturante da proposta. Compreendendo o jogo no sentido de uma estratégia de aprendizagem que traz o novo, o desafio e a interatividade aos alunos e, além disso, como marca do funcionamento da

linguagem do livro-imagem que também joga/brinca com o sujeito-leitor, buscou-se trabalhar com um material que envolve uma leitura sensorial e também lúdica. Conforme nos ensina Indursky (2001, p. 38), entendemos que ler é “desestabilizar sentidos que parecem estabilizados, podendo mesmo levá-los ao deslocamento, à deriva, à ruptura”.

REFERÊNCIAS

- DI RAIMO, L. C. F. D.; LUTESKI, M. Nas teias da leitura do artigo de opinião Celebidades descelebradas: condições de produção e funcionamento dos sentidos no/pelo texto. In: DI RAIMO, L. C. F. D. CORSI, M. da S.; GRECO, E. A. **Propostas didático-pedagógicas de língua portuguesa e literatura: múltiplos olhares**. Jundiaí: Paco Editorial, 2022. p. 257-268.
- FERNANDES, C. **A resistência da imagem: uma análise discursiva dos processos de leitura e escrita de textos visuais**. Tese de doutorado, PPG letras, UFRGS, Porto Alegre, 2013.
- FERNANDES, C. Os desafios de ensinar a Análise do Discurso e de se ensinar com a Análise do Discurso. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. 2, p. 17-39, jul./dez. 2018
- HASHIGUTI, S. T. Nas teias da leitura. In: **Discurso e ensino: prática de linguagem na escola**. BOLOGNINI, C. Z. (org.). Campinas: Mercado de Letras 2009. p. 19-29
- MACHADO, J. **Ida e Volta**. Rio de Janeiro: Agir, 2001
- INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In: **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. ERNEST, Aracy & FUNEK, B. Susana (orgs). Pelotas: EDUCAT, 2001, p.27-42
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. 2ª. ed. Tradução de Eni P. de Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes Editores, 2006.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do discurso (ADD-69). In: GADET, F.; HAK, t. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 59-159
- ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez, 1993.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2009.
- ORLANDI, E. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2017.
- PFEIFFER, C, C. **Bem dizer e retórica: um lugar para o sujeito**. 2000. 185p. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas/SP, 2000
- PFEIFFER, C. R. O leitor no contexto escolar. In: **A leitura e os leitores**. ORLANDI, E. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003. p. 87-104